



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11919 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 20 - Psicologia da Educação

ARTE COMO ATIVIDADE GENÉRICA NO DESENVOLVIMENTO HUMANO

Aline Cristine de Moraes Fontes - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - FEUSP

ARTE COMO ATIVIDADE GENÉRICA NO DESENVOLVIMENTO HUMANO

Este estudo de cunho teórico-bibliográfico, parte integrante do mestrado acadêmico, concebe a arte como atividade genérica humana. Fundamenta-se no enfoque histórico-cultural, considerando que a apropriação dos elementos culturais, elaborados historicamente pelo conjunto dos homens, é condição imprescindível para o desenvolvimento integral dos sujeitos.

O objetivo deste estudo é apresentar algumas reflexões sobre a atividade artística nos aspectos gerais do processo de constituição do gênero humano, a partir do enfoque histórico-cultural. Compreende-se, nesta perspectiva, que os determinantes que compõem a complexa relação do homem com a arte devem ser analisados mediante a investigação sobre os processos histórico e cultural constituintes dos indivíduos considerando as dimensões filo e ontogenética.

Busca-se explicitar, de maneira sucinta, a forma como o homem se desenvolveu ao longo da história, evidenciando o caráter histórico e cultural da constituição do gênero humano. Assim, ressalta-se a relação entre o desenvolvimento e a arte, partindo dos pressupostos teóricos que consideram a cultura como uma dimensão essencial da constituição humana, especificando como o homem se apropria da mesma e de que forma esta influi sobre

seu comportamento e desenvolvimento psíquico.

Os produtos da cultura historicamente elaborados representam a forma e conteúdo das elaborações externas e internas humanas, que foram transformadas ao longo da história. Deste modo,

A arte aparece como um fenômeno humano, que decorre da relação direta ou mediata do homem com um cosmo físico, social e cultural, onde se constroem e se multiplicam variedades de facetas e nuances que caracterizam o homem como integrante desse cosmo. Daí decorre uma questão central de implicação interdisciplinar: a psicologia não pode explicar o comportamento humano ignorando a reação estética suscitada pela arte naquele que a frui. Essa questão diz respeito às relações de reciprocidade entre o homem e o mundo e às representações que o homem faz do mundo (BEZERRA, 1999, p. 11).

De acordo com o enfoque histórico-cultural, os elementos constituintes do objeto artístico provêm da realidade e das relações do homem com a mesma, relações estas que se estabelecem dialeticamente na vida social e que, mesmo quando se constrói imagens fantásticas, possuem em seu cerne a própria realidade como referência (VIGOTSKI, 2009, p. 22).

Concorda-se com Alfredo Bosi (1999, p. 13) quando assinala que “a arte é uma produção; logo, supõe trabalho. Movimento que arranca o ser do não ser, a forma do amorfo, o ato da potência, o cosmos do caos”. O desenvolvimento filogenético perpassa o processo evolutivo do homem através da história enquanto espécie. Para que fosse possível à espécie humana fixar as transformações ocorridas através de sua história, foi necessário difundir a produção dos homens e haver elementos mediadores na realidade permitindo às próximas gerações se apropriar das produções. Na dimensão ontogenética, o homem apropria-se da produção de sua espécie para se desenvolver através da cultura e das mediações presentes nas relações sociais.

Enquanto descobertas no campo da arte sobre produções humanas, são identificados registros de diferentes tempos históricos que expressam e se diferenciam entre si explicitando as distintas necessidades que surgem para a sobrevivência da espécie (BOSI, 1999). Um dos exemplos clássicos são as pinturas rupestres. Elas eram feitas nas paredes e tetos de cavernas, sobre pedras e rochas, e retratavam a forma como esses povos viviam, os animais que já tinham visto, as lutas e caças que faziam parte de sua experiência. Outro exemplo são os rituais primitivos que evocavam a chuva e a fertilidade, “como o macaco que bate palmas e arreganha os dentes, os homens primitivos já utilizavam a representação nas demonstrações

de poder em rituais de acasalamento, em danças para evocar a chuva ou celebrar a fertilidade da terra” (RORIZ, 2014, p. 13).

Assim, as pinturas rupestres inauguram as artes plásticas e os rituais, que envolviam movimentação corporal alinhada à emissão de sons, constituem uma incipiente forma de performance dramatizada. Não à toa que estudiosos do teatro, da dança e da música se referem aos rituais do período pré-histórico como o possível princípio da expressão teatral, cada qual identificando e analisando os aspectos que lhes são próprios. Essas manifestações não podem ser encaradas como simples atos que nada representam para a história do desenvolvimento da humanidade, mas sim como constituintes do desenvolvimento.

Por consequência, tanto na filogênese, quanto na ontogênese, circunscrevendo a história do homem desde seu estado primitivo à sua condição atual de homem contemporâneo, identificam-se elementos culturais historicamente constituídos no plano social, que indicam as evidências de que a arte é parte integrante da constituição humana e não podendo ser discriminada, pois compõe o caráter integrativo do ser humano.

Como relação ininterrupta de transformação mediada pela cultura, as expressões artísticas constituem o homem assim como a ciência, a filosofia e a política, logo, o refinamento da arte se dá, de igual maneira, na experiência intencional do homem com seu mundo, conforme afirma Heller (2016).

Os órgãos de nossa individualidade, conforme afirma Marx (1984), constituem e integram o ser social; concebe-se, portanto, que a arte integra a existência humana sem que seja possível isolá-la do conjunto das mediações promotoras do desenvolvimento do psiquismo humano. Deve-se entendê-la como parte integrante da constituição do homem na sua integralidade. A práxis criadora, de acordo com Vázquez (2007), é a ação consciente que opera mudanças, que promove transformações, portanto está calcada na relação humana entre suas produções e a influência que tem sobre seu desenvolvimento.

Neste sentido, de acordo com o enfoque teórico-metodológico aqui adotado, a arte é considerada uma atividade humana genérica, não podendo ser compreendida meramente como algo que o humano realiza no seu tempo livre para entreter-se, mas como produção que faz o sujeito humano enquanto se faz, numa relação dialética de intervir sobre a realidade e, ao modificá-la, modificar a si mesmo. Por isso, a arte é considerada condição necessária e constituinte do desenvolvimento humano. Como atividade humana genérica, a arte é uma produção que não se realiza após certo período histórico, mas é uma atividade necessária, não podendo ser dissociada do desenvolvimento integral do homem.

Na concepção da transformação e de constituição do desenvolvimento humano, o estudo teórico sobre a arte avança ao encontrar no material apresentado as condições necessárias ao desenvolvimento das funções psíquicas superiores, ao conceber que, como atividade humana genérica, a arte é também condição para o desenvolvimento destas funções. Afinal, é parte integrante da constituição do psiquismo humano, estando presente na cultura humana de formas variadas, sendo integrada à própria condição de existência da humanidade.

Palavras-chave: Arte; Desenvolvimento humano; Genericidade; Ontogenia e Filogenia.

Referências

BEZERRA, P. Prefácio à edição brasileira. In: VIGOTSKI, Lev Semionovich. **Psicologia da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 11-18.

BOSI, A. **Reflexões sobre a arte**. São Paulo: Ática, 1999.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. 11. ed. Rio de Janeiro e São Paulo: Paz & Terra, 2016.

MARX, K; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Hucitec, 1984.

RORIZ, J. P. **A História das Artes Dramáticas**: das tragédias gregas ao teatro contemporâneo. São Paulo: Createspace Independent Publishing Platform, 2014.

VÁZQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis**. 1. ed. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de ciencias sociales- Clacso; São Paulo: Expressão popular, 2007.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância**. Trad, Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.